

A ONTOLOGIA DO TEMPO NO PENSAMENTO DE AGOSTINHO DE HIPONA

Vigevando Araújo Sousa*

Resumo: Neste trabalho, abordamos a concepção de tempo em Agostinho. Tal concepção, encontra-se fundamentada em sua obra: *Confissões, livro XI*. O desafio principal do bispo de Hipona é a busca de uma solução para o problema deixado pelos maniqueus, que é a respeito da ocupação de Deus antes de criar o céu e a terra. Por isso, o filósofo, de uma maneira muito especial, fala do tempo estabelecendo novas terminologias importantes para a compreensão dele. O objetivo dessa pesquisa é chegar a uma compreensão do que seja o tempo tal qual o concebemos pela faculdade da alma humana. A importância está em percebermos aonde está este objeto, o que ele significa, qual é a sua dignidade e o seu valor *ôntico*. Desse modo, procuramos problematizar o valor *ontológico* do tempo, fundamentalmente quanto à sua referência à eternidade. Isto é, no Ser de Deus, Ele que é o criador de todas as coisas.

Palavras-chave: Tempo, Ontologia, Eternidade, Deus.

THE ONTOLOGY OF TIME IN THE THOUGHT OF AUGUSTINE OF HIPONE

Abstract: In this work, we discuss a time project in Augustine. Such is its foundation in his work: *Confessions, book XI*. The main problem of the Hippo is the search for a solution to the problem of the Manichaeans, which is the respect of the occupation of before creating the sky and a land. Therefore, the philosopher, in a very special way, speaks of the time establishing new terminologies important for his speech of him. The purpose of this research is to arrive at an understanding of what is the time that must be made by the faculty of the human soul. The mission is to realize that this is their nature, which means, what is their dignity and their ethical value. In this way, we try to problematize the ontological value of time, fundamentally as to its reference to eternity. That is, it is not of God, He is the creator of all things.

Key words: Time, Ontology, Eternity, God.

O significado do tempo para os gregos e sua influência sob Agostinho

Alguns dos mais perspicazes pensadores gregos já haviam descoberto que o conceito de tempo era dificilmente conciliável com a ideia que tinham de racionalidade.

*Graduado em Filosofia; Pós-graduado em Ética e filosofia Política; mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: vigevando33@gmail.com.

Parmênides de Eleia, no século VI a. C., já afirmava que o tempo não poderia pertencer a nada que seja verdadeiramente real, ou seja, ele é uma ilusão. Tempo e mudança, essencialmente, segundo o filósofo, implicam que uma mesma coisa pode ter propriedades contraditórias, podem ser quentes e frias, dependendo do tempo. Tinha como proposição básica: “Aquilo que é *é*, e *lhe* é impossível não Ser”²⁸⁴. A partir desta proposição podemos observar que somente o presente “*é*”; por isso, pode-se dizer que o passado e o futuro são totalmente carentes de significado.

O único tempo é o tempo presente contínuo, e o que existe é não criado e também imperecível. A partir disto, Parmênides propôs uma distinção básica entre o mundo da aparência, caracterizado pelo tempo e a mudança, e o mundo da realidade, imutável e atemporal. O primeiro é revelado por nossos sentidos, mas estes são enganosos. O segundo nos é revelado pela razão e é o único modo verdadeiro de existência.²⁸⁵

Tendo como base o que Parmênides mencionara sobre o tempo, seu seguidor, Zenão de Eleia, também foi capaz de nos dizer algo de forma representativa. Seus famosos paradoxos relativos ao movimento nos dizem algo. Em seu famoso paradoxo sobre “Aquiles e a tartaruga”, argumenta que estando a tartaruga numa distancia inicial em relação a Aquiles este por mais que corra jamais alcançará a tartaruga. Quando Aquiles alcançar o ponto do qual a tartaruga saiu, esta terá avançado a mais e assim sucessivamente, *ad infinitum*.

Zenão observa em sua exposição que o mais lento estará sempre na frente e isto se contradiz com a experiência sensível que temos das coisas. Com base neste raciocínio, podemos afirmar que espaço e tempo são infinitamente divisíveis, sabendo que nem todas as reflexões de Zenão são nesta linha e envolvem este pressuposto.

Parmênides e Zenão exerceram forte influência sobre Platão (427 – 347 a. C.). Platão em seu diálogo cosmológico *O Timeu*, quem também influenciou consideravelmente de modo indireto por via do neoplatonismo o pensamento de

²⁸⁴ WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias*. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1993. (Coleção Ciência e Cultura). p. 56.

²⁸⁵ Ibid., 1993., p. 56.

Agostinho, inaugurou a noção de tempo como aspecto do mundo sensível, isto é, o mundo contingente, mutável, perecível em que mantém com o mundo transcendental, ideal, imutável, suprassensível a mesma relação que os objetos sensíveis têm com suas Ideias ou Formas essenciais.

Platão menciona que o espaço existe por direito próprio, como uma estrutura estabelecida para a ordem visível das coisas, e o tempo é simplesmente uma característica dessa ordem. Segundo sua concepção em sua cosmologia, o universo era formado por um artífice divino que ordenava a matéria que em sua origem estava em estado de *caos*. Tal artífice era o princípio da razão, que por sua vez, impondo ordem ao *caos*, submetia-o a sua lei. Segundo Platão, o padrão desta lei era fornecido por um reino ideal de Formas geométricas, eternas e em perfeito estado de repouso absoluto, como pensava Parmênides a respeito do mundo ideal. Basicamente, pode-se dizer que o universo está sujeito à mudança.

O tempo é esse aspecto do mundo que lança uma ponte sobre o fosso que separa o universo do seu modelo, sendo “uma imagem movente de eternidade”. Essa imagem movente se manifesta nos movimentos dos corpos celestes. A estreita associação que estabeleceu entre o tempo e o universo conduziu Platão a considerar o tempo como efetivamente produzido pelas revoluções da esfera celeste. Um legado permanente de sua teoria do tempo é a ideia de que este universo é inseparável. Em outras palavras, o tempo não existe por direito próprio, sendo uma característica do universo.²⁸⁶

Esta concepção de tempo defendida por Platão foi rejeitada por Aristóteles (384 – 322 a. C.). Ele dizia que o tempo não podia ser identificado com qualquer movimento ou mudança, mas parecia depender deles. Observou que é pela consciência do “antes” e do “depois”, na mudança, que temos a consciência do tempo. Aristóteles percebeu que a relação entre tempo e mudança é recíproca, isto é, sem mudança o tempo não poderia ocorrer. “Não apenas medimos o movimento pelo tempo, mas também o tempo pelo movimento, porque eles se definem um ao outro. O tempo marca o movimento, visto que é seu número, e o movimento marca o tempo”.²⁸⁷ Aristóteles aceitava que o

²⁸⁶ WHITROW. Op. Cit. 1993., p. 57.

²⁸⁷ ARISTÓTELES. *Physica*, IV, 220 b. Apud. Whitrow. Op. Cit. 1993, p. 57.

movimento podia acabar, mas não o tempo e havia um movimento que não poderia parar, isto é, o movimento dos astros celestes. Ele rejeitava que o tempo fosse identificado com o movimento dos astros celestes, mas via nestes o exemplo perfeito do movimento uniforme que fornecia a medida perfeita do tempo.

Aristóteles quer dizer que o infinito não existe em ato, mas existe somente em potência. Por exemplo, o infinito em potência é o número, pois é possível acrescentar a um número sempre mais um número sem que se chegue a um limite extremo. Para ele, a temporalidade é potencialmente infinita, pois ela não pode existir de modo concomitante e unívoca, mas se desenvolve gradativamente sem fim. Aristóteles se referia a ideia de infinitude, relacionando-a à categoria de *quantidade*, que só serve para o sensível. Por esse motivo, acabou por adotar a ideia pitagórica de que o finito é perfeito e o infinito imperfeito.

No século II e III d. C., além das muitas religiões de origem oriental que surgiram em Roma, houve também um retorno da especulação filosófica que se fundou numa série de ideias de Platão, por este motivo chamaram esta corrente de neoplatonismo, cuja maior figura foi Plotino (205 – 270 d. C.). Ele nasceu no Egito, mas estabeleceu-se em Roma em 244 d.C. De acordo com Plotino a realidade é composta entre Uno, Espírito (Inteligência ou Nous) e Alma. O Uno contempla e produz o Espírito, e o Espírito é para ele, o que seria o Plano das Ideias para Platão. Na verdade, Plotino procurou estabelecer uma síntese do pensamento grego, onde procurou superar o dualismo de Platão e Aristóteles. No centro de suas discussões, colocou a concepção dinâmica da alma como uma ponte ativa que permite transitar entre a parte superior e inferior do cosmo sem perder a distinção rigorosa dos diferentes níveis da realidade com relação à transcendência do Uno do qual tudo emana e do qual tudo retorna.

Segundo Plotino, a alma concebe o tempo como uma imagem móvel e também eterna. Ademais, essa temporalização do eterno pode parecer uma contradição da ideia plotiniana, mas prenuncia uma dialética filosófica, no sentido de garantir que a sensibilidade não irá se fundir parcialmente com a obscuridade da matéria;

“conservando, no entanto, uma ordem, precisamente temporal”.²⁸⁸ Por isso, Plotino parte da convicção de que a fundação da concepção platônica, na qual apresenta o tempo, enquanto modo mesmo de ser. Disto isso, deve-se levar em consideração a derivação metafísica da inteligência a partir do Uno, e da alma a partir da inteligência. Essa derivação, para Plotino, não pode ser, em nenhuma circunstância, temporal: uma vez colocado o Uno, o Espírito (inteligência ou Nous) e a alma devem fluir de modo intemporal e metafísico.

Plotino afirma que, a partir do Uno supra inteligível surgirá a inteligência suprassensível, o “demiurgo platônico” que engloba o mundo inteligível do qual os platônicos descrevem como o “mundo das ideias”. Sob esse ponto de vista, orienta-se pelo via platônica, o que se conhece como; a alma universal, ou “alma do mundo”. A função da alma universal, segundo Plotino, é procurar as ideias na inteligência e interpretá-las no espaço e no tempo, sob a forma de razões gerais, estabelecer distinções *atuais* no conjunto da natureza, dando lugar aos seres vivos. A alma universal é, em suma, a peça destinada a solucionar o problema da participação, procurando dar uma versão metafísica dos mitos platônicos. Plotino considera, todavia, que é possível se explicar melhor esses mitos, “mediante imagens metafísicas reais”.²⁸⁹ Portanto:

[...] Plotino, ao seu modo, consegue reinterpretar e adequar a noção aristotélica do tempo à concepção de mundo platônica. O tempo, para Plotino, por um lado, permanece referido ao movimento, concordando com Aristóteles, e por outro, é imagem de uma outra forma mais perfeita, a eternidade, concordando com a divisão do mundo em sensível e supra-sensível de Platão.²⁹⁰

Na sétima parte da terceira *Enéada* de Plotino (“Sobre o tempo e a eternidade”) é vista como uma meditação de uma passagem do *Timeu* (37 – 8), de Platão em que se discute sobre o tempo e a criação do mundo. “Plotino acreditava que a origem do tempo

²⁸⁸ GALLEGO, Antônio D. *Plotino: La odisea del alma entre la eternidad y el tiempo*. Barcelona, Batiscafo, 2016, p. 90. (Tradução nossa).

²⁸⁹ GALLEGO, Antônio D. *Op. Cit.*, 2016, p. 65. (Tradução nossa).

²⁹⁰ SCHIOCHETT, Daniel. *O tempo na terceira Enéada de Plotino*, 2009. p. 11.

deve ser buscada na vida da alma do mundo.”²⁹¹ A questão da possibilidade do tempo existir se não houvesse alma (ou mente) para apreendê-lo fora levantada por Aristóteles, mas não respondida. Aristóteles apenas mencionou a definição do tempo como numeração do movimento e da mudança com relação ao *antes* e o *depois* que parecia pressupor a existência de uma alma que contemple e mede essa relação.

Para os filósofos da Antiguidade clássica era possível falar de uma alma do mundo, mas impossível para os cristãos, pois estes negavam a ideia de panteísmo. Plotino foi além de Platão quando foi capaz de modificar a sua ideia de tempo como imagem em movimento da eternidade, frisando a diferença que há entre tempo e eternidade. Plotino via o tempo como um intermediário entre a eternidade e o movimento do universo, que revela o tempo como a “Vida” da alma. O tempo, para Plotino, é uma atividade consequente quando a Alma produz o mundo físico ao contemplar o Espírito. As Ideias, que estão de modo eterno no Espírito, são contempladas pela Alma, que ao serem contempladas, gera o mundo físico como imagem e de modo sucessivo aquilo que é concomitante no Espírito. Esse movimento de sucessão que acontece na Alma do mundo, é o tempo em Plotino. Whitrow (1993), afirma que embora Plotino não fosse cristão, sob alguns aspectos foi um precursor de Agostinho, particularmente porque pensou o tempo em termos psicológicos. Agostinho vai além de Plotino, pois ele pensa o tempo para além do psicológico, isto é, o tempo em si mesmo; por isso, procura verificar o estatuto ôntico do tempo.

O tempo e a eternidade

Agostinho inicia o livro XI das *Confissões*, louvando a Deus. Nesta obra é notório o caráter poético com que Agostinho louva a Deus e pede a Ele tempo para que a sua alma se sinta sempre mais gloriada ao penetrar os seus mistérios insondáveis. Segundo sua compreensão, as criaturas foram tiradas do nada num só momento. Por isso, ele diz que nada tem em si que antes não existisse. O Santo doutor da Igreja, referindo-se ao tempo, diz que nunca se acaba o que estava sendo pronunciado

²⁹¹ WHITROW. Op. Cit. 1993., p. 77.

eternamente por Deus e não se diz outra coisa para dar lugar a outra ou a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz “simultânea e eternamente.”²⁹² Se não fosse dessa forma, então só haveria tempo e mudança, e não a verdadeira eternidade e imortalidade de Deus. O verbo de Deus é o princípio e o fim de todas as coisas.

A partir destes pressupostos, podemos perceber que a filosofia de Agostinho foi fortemente influenciada de modo indireto por Platão por intermédio dos neoplatônicos, “cuja filosofia tem como teleologia encontrar à Verdade e a natureza das coisas; que para Platão e Plotino, por um processo de abstração em que se supera a experiência concreta, têm como característica uma essência eterna e imutável”. Podemos notar que, Agostinho realmente pretende com sua concepção psicológica de tempo é relacionar a participação que o tempo tem no Ser, isto é, a participação de todo o universo no Ser, a Verdade imutável que para ele é Deus. Agostinho elabora sua teoria da criação com base da influência do neoplatonismo de Plotino, de quem Agostinho concebe um Ser imutável e inteligível. “Todos os seres criados são, dessa forma, para Platão, meras cópias do mundo suprassensível”. Desse modo, por Agostinho herdar de Plotino a concepção de que o ser humano tem uma aptidão a receber a iluminação divina por meio da alma eterna e a ascender, assim a própria fonte de Luz, que é Deus. Assim, a definição do homem dialeticamente justificada por Platão no *Alcibíades* e retomada em seguida por Plotino atuou sobre o pensamento de Agostinho uma forte influência: o ser humano é, portanto, uma alma que se utiliza de um corpo.²⁹³ Levando em conta as consequências lógicas da doutrina platônica, há uma transcendência hierárquica da alma sobre o corpo, pois na metafísica platônica empreendida por Plotino, a alma contém toda a capacidade de apreensão da Verdade. De fato, aquelas Ideias pensadas em Plotino no intelecto de Deus, e é conforme essas Ideias que Ele cria do nada o cosmo e imprime as razões seminais na criação. Agostinho elabora sua teoria da criação com base da influência do neoplatonismo de Plotino, de quem Agostinho concebe um Ser imutável e inteligível: Deus, ser imutável que nos fala constantemente.

²⁹² AGOSTINHO. *Confissões*. XI. 7, 9. p. 316.

²⁹³ GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo, p. 146.

Agostinho diz que estão cheios de velhice espiritual aqueles que fazem tal pergunta acerca da ocupação de Deus antes de criar o céu e a terra; e, indagando por que Deus não deixou como era antes no decurso dos séculos, abstendo-se de toda ação criadora. Como pode haver eternidade se no criador aparece uma vontade que antes não existia? Dessa forma, em outra obra, no *Comentário ao Gênesis contra os Maniqueus*, ele tenta desvendar o sério problema já levantado pelos os adversários que essa obra é endereçada:

No primeiro livro do Antigo Testamento, que leva por título ‘Gênesis’, costumam os maniqueus censurar o que ali está escrito: *No Princípio criou Deus o céu e a terra*. Perguntam em que princípio e nesse mesmo princípio do tempo em que criou Deus o céu e a terra – que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? O que foi que repentinamente o agradou para fazer o que nunca antes fizera nos tempos eternos?²⁹⁴

Afirma, portanto, que a vontade de Deus não é uma criatura. Esta vontade, porém, está antes de toda criatura, porque nada seria criado se antes não existisse à vontade de Deus, pertencendo à sua própria substância. Se alguma coisa, ou a própria vontade de criar surgisse posteriormente na substância de Deus, não poderia, de fato, chamar de eterna essa substância. Mas, sendo desde toda eternidade, vontade de Deus em que todas as criaturas existem, por que não considerar também as criaturas eternas?

Ainda no *Comentário Gênesis contra os Maniqueus*²⁹⁵, Agostinho afirma que não há criatura que não deva sua existência a Deus. O mundo começou sendo tirado do nada através do Verbo de Deus; todos os seres, toda a natureza, toda a história humana têm suas origens através deste primordial acontecimento: é a própria origem pela qual o mundo foi criado e o tempo começou. A criação não foi *ab aeterno*, diz Agostinho. As ideias das coisas sempre existiram na inteligência de Deus. Porém, os termos ou objetos

²⁹⁴ AGOSTINHO. *De Gen. contra Mani.*, I. 3. p. 152.

²⁹⁵ AGOSTINHO. *De Genesi contra Manichaeos*, 1, 2, 4: PL 35, 175. Apud. *Catecismo da Igreja Católica*. p. 99. *A gênese contra os maniqueus* não deixa de ser proveitosa. “Escrito lá por 398 ou 399, este livro é um escrito de controvérsia, uma obra de exegese do doutor africano, a primeira, sobre o primeiro livro da edição tradicional, isto é, do Cânon da Bíblia. Está todo ele voltado para a rejeição maniqueia do Antigo Testamento, mas nem por isso deixa de tornar transparente uma das faces da exegese agostiniana, a alegórica, a ser caracterizada para além, muito além, do que os modernos, com raras exceções, compreendem como tal.” [VV. AA. *Tempo e razão*. 1600 anos das *Confissões* de Agostinho. p. 13.].

que Deus quer produzir só surgem no mundo determinado pela sua volição, ou seja, pela sua ação de querer.

Nesta mesma obra, o Santo doutor menciona onde é situada a origem desse problema suscitado na controvérsia maniqueia. Tal controvérsia, o forçou a se ocupar das origens. Os maniqueus sentiam prazer em tornar ridícula a criação temporal do Gênesis. Aos olhos dos judeus o mundo é uma criatura, ele tem uma história; para os maniqueus, herdeiros intemperantes do dualismo grego, dois reinos, um de luz, outro de trevas, opõem-se eternamente. Agostinho encontrou na polêmica maniqueia a objeção popular: Que fazia Deus antes da Criação?

De acordo com o Santo doutor, é a Sabedoria vinda de Deus, afirmar que “o tempo não pode medir a eternidade.”²⁹⁶ Quem afirma tais coisas, esforça-se por saborear as coisas eternas, mas o seu pensamento é limitado pela ideia de sucessão dos tempos passados e futuros e, por esse motivo, tudo o que pensam fora de si é em vão; ou seja, é um pensamento pautado pela subjetividade. A esse Deus, quem o poderá prender e fixar para que um momento pare e possa arrebatá-lo um poço de esplendor de sua eternidade infinitamente imutável, para que os outros vejam como a eternidade é incompreensível, confronta-se com o tempo? Contemplando isto, compreenderá que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de ações sucessivas transitórias; ou seja, de muitos movimentos passageiros.

De acordo com essa lógica agostiniana, na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. O passado, dessa forma, é impelido pelo futuro e o futuro está precedido de um passado e ambos são criados e dimanam de Deus, que é sempre presente. Portanto, a atividade imóvel determina o passado e o futuro, não sendo ele nem um nem outro. Agostinho questiona se a atividade de sua própria língua pode conseguir pela palavra realizar empresa tão grandiosa de explicar todos esses conceitos acerca da eternidade de Deus. Sabemos, pois, que nenhum pensamento humano foi capaz de captar qual a verdadeira essência dos desígnios de Deus.

²⁹⁶ AGOSTINHO. *Confissões*. XI. 11, 13. p. 319.

Agostinho responde a quem questiona; o que fazia Deus antes da criação do mundo, afirmando que Deus não fazia nada. Afirma na *Cidade de Deus*²⁹⁷ que aquele que quer saber o que fez Deus antes de criar o mundo dá a entender que não sabe a diferença entre tempo e eternidade. Sabemos, pois que a eternidade não comporta qualquer mudança; porém, o tempo sempre implica alguma alteração. A mutabilidade, é sempre característica de toda criatura e, para Agostinho, o tempo só existe para a criatura.

De fato, o tempo também é obra de Deus, ao criar as coisas Deus também criou o tempo e antes d'Ele não existia tempo algum e se não existia, não há necessidade de perguntar o que Deus fazia antes de tal criação. Deus precede todo o passado e domina todo o futuro porque ainda não veio, mas quando chegar já será passado, sendo o tempo apenas um vestígio da eternidade, os dias de Deus são um perpétuo “hoje”, porque o “hoje” de Deus não se afasta do “amanhã,” nem sucede ao ontem, porque é a eternidade.

Agostinho, nas *Confissões*, pergunta o que é verdadeiramente o tempo e quem pode explicá-lo e apreendê-lo, só com o pensamento para depois explicar o seu conceito por palavras.²⁹⁸ Quando falamos dele compreendemos o que dizemos. Temos também a capacidade de entender o que é e o que nos dizem quando nos falam do tempo. Não existe, portanto, nem passado nem futuro, pois o primeiro já não existe e o segundo ainda não veio. E se o presente não passasse para o pretérito já não seria tempo, mas eternidade. Mas “como podemos afirmar que o presente existe se necessariamente ele tem que passar para o passado?”²⁹⁹. Agostinho não tem dúvida que o tempo existe de alguma forma, porém compreende que deve estudar o problema do tempo no seu ponto de vista psicológico³⁰⁰: como é que nós o apreendemos; e não do ponto de vista ontológico: como é em si mesmo. Considerando o ponto de vista ontológico, teria que tomar o tempo como indivisível.³⁰¹ Neste aspecto do argumento, o bispo de Hipona

²⁹⁷ AGOSTINHO. *De civit. Dei* XI, 4;515s. Apud. GILSON, E. e PHILOTHEUS, B. *História da filosofia cristã*. 1995., p. 176.

²⁹⁸ AGOSTINHO. *Confissões*. XI, 14, 17. p. 322

²⁹⁹ AGOSTINHO. *Confissões*. XI, 14, 17. p. 322

³⁰⁰ Cf. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. In: *Confissões*. Ver nota, p. 322

³⁰¹ Essa colocação da essência do tempo na estrutura de apreensão da alma humana é que se costuma considerar como interpretação “psicológica” do tempo empreendida por Santo Agostinho. No entanto, ao situar o tempo na alma, Santo Agostinho não situa o tempo na subjetividade do homem. [...] ele situa o

desenvolve o argumento psicológico do tempo para depois desenvolver a argumentação ontológica deste tempo.

Compreender o tempo na ordem ontológica consiste em concebê-lo enquanto participante do Ser eterno, que é Deus; por este motivo, o mundo também teria o caráter de ser eterno nessa ordem ontológica. Assim, na teoria da Criação de Agostinho, mesmo que Deus faça em *ex nihil*, Ele imprime o ser de cada criatura a partir do seu Ser, e esse ser da criação só se mantém por participar desse Ser divino. O Comentário ao Gênesis ao Maniqueus (*De gen. contra man.*, I, VI, 10.) sugere as três formas de construção da realidade por geração, fabricação e criação. A filosofia grega muitas vezes usava o conceito de geração tal como Plotino: que por princípio eterno, gera sua obra; e, essa obra tem a mesma substância que seu gerador; ora, se o gerador é eterno, logo também é seu produto por fabricação, tal como concebido por Platão; existe o princípio (Demiurgo) e a matéria, (a matéria física em estado de caos), ambos eternos, pois o que sempre existiu não pode ser temporal, mas quando a matéria é configurada por esse princípio, por isso fabricada, produz a sucessão de um *antes* e *depois* na matéria, o tempo, por criação que já foi exposto antes, em que por sair do nada, a obra não participa da substância ou condições eternas de seu princípio, ou seja, do criador.

Duração do tempo presente

Dizemos tempo “longo” ou “breve” quando há uma relação de comparação entre estes. Por exemplo, quando digo cem anos antes ou depois do presente, direi que é longo comparando com dez dias o qual direi que é breve. Agostinho indaga como será breve ou longo se o passado *já não existe* e o futuro *ainda não existe*. “Não digamos o passado foi longo, mas aquele tempo presente foi longo”.³⁰²

Agostinho afirma que o tempo é apenas uma extensão da própria “alma”³⁰³ humana. “Parece-me que o tempo não é mais do que uma extensão; mas de que? Não

tempo na capacidade compreensiva da alma humana. Por capacidade compreensiva, Santo Agostinho entende, porém, a capacidade de acolher o sentido divino da criação. [SCHUBACK. *Op. Cit.* p. 95.].

³⁰² AGOSTINHO. *Confissões*. XI. 15, 18. p. 323.

³⁰³ A alma no pensamento Agostiniano está imediatamente unida à verdade divina. Nela se reflete, como num espelho, a verdade eterna, e nisso está a garantia de sua imortalidade. A alma está intimamente ligada a Deus, e sua vida espiritual se alimenta de Deus num sentido metafísico. [AGOSTINHO. *Sermão* 273. Apud. GILSON, E. e BOEHNER, F. *Op. Cit.*, 1995., p. 182.]

sei. Maravilho-me não seja da própria alma.”³⁰⁴ Sabe perfeitamente que se pode medir o tempo, mas não o futuro, porque não existe ainda; nem o passado por não existir mais. Tomando como exemplo os cem anos em relação ao tempo presente, os cem anos futuros, portanto ainda não existentes. Tomando como referência o segundo ano, o primeiro é passado, o outro é presente e assim sucessivamente.

Nas Confissões, Agostinho continua a linha de raciocínio de que podemos também relacionar os meses e logo concluiremos que nem o ano que está decorrendo pode ser todo presente em relação ao outro que são passados ou futuros. Nem sequer um dia é inteiramente presente; porque tanto o dia quanto a noite compõem-se de vinte e quatro horas e tanto as horas como os minutos quanto os segundos e milésimos tem a sua subdivisão. Com relação a qualquer instante intermediário, são passados aqueles que o precedem, e futuros aos seus subsequentes. É por isso que Agostinho vai afirmar que;

Tudo o que dela já debandou é passado. Tudo o que ainda resta é futuro. Se pudermos conceder um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração.

305

Nosso autor quer dizer que o tempo presente não tem nenhuma duração e espaço e não pode, dessa forma, ser breve ou longo. Conseguimos perceber os intervalos dos tempos³⁰⁶ e compará-los entre compridos, breves, duplo, triplo etc., e que a relação entre eles seja simples ou complexas. Desse modo, nosso pensador africano conclui que

³⁰⁴ Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão *distenção*; mas de que coisa o seja, ignoro. Seria para admirar que não fosse da própria alma. (*Conf.* XI. 26, 33).

³⁰⁵ AGOSTINHO. *Confissões*. XI. 15, 20. p. 324.

³⁰⁶ “A resposta de Agostinho ao problema do tempo constitui em localizar a sua natureza na percepção de sua passagem e, por conseguinte, na alma individual. Não há tempo no sentido em que envolva sua passagem ou fluxo à parte as expectativas, memórias e percepção geral individual de seu transcurso. O tempo é, por assim dizer, um fenômeno subjetivo. Daí, quando dizemos que Deus criou o mundo do nada, falamos apenas do ponto de vista humano individual. Na verdade Deus existe na eternidade. [...] A doutrina neoplatônica de um mundo que emana de um Uno imemorial ou eterno é conciliada, ou aparentemente conciliada, com a doutrina cristã da criação *ex nihilo*, pela sua posição de que os aspectos temporais desta última são meramente produtos de nosso ponto de vista humano individual”. [Cf. HAMLIN, D. W. *Uma história da filosofia Ocidental*. Op. Cit., 1990, p. 113]

medimos os tempos que passam apenas pela “sensibilidade”, porque os tempos passados não chegaram, isto é, ainda não é uma realidade³⁰⁷.

Agostinho pede o auxílio de Deus para que possa compreender melhor essa divisão do tempo. Ele se pergunta se existe apenas o presente, já que o passado e o futuro não existem ou se ambos existem para se fazer presente. Perguntam-se como os adivinhos veem as coisas futuras, se elas ainda não existem e como são narrados os fatos passados? De fato, não poderiam ser narrados sem que os vissem com a alma. Agostinho quer saber realmente onde estão as coisas passadas e futuras e afirma que onde elas estiverem não podem estar no passado nem no futuro, mas no presente. O “espírito” tem a capacidade de gravar os próprios fatos que passaram pelos sentidos. Algo acontecido no passado é visto como no presente pelas faculdades da memória. O Santo doutor sabe certamente que a maioria das vezes, temos a capacidade de premeditar as nossas ações futuras, mas essa premeditação é presente, a ação premeditada ainda não existe.

Não podemos ver senão algo existente. O que existe não é futuro, mas presente. Dessa maneira, quando alguém afirma que vê acontecimentos futuros, vê somente as suas causas, ou as suas predições dotadas de existência. Portanto, veem acontecimentos presentes e não futuros. O futuro já é preconcebido na alma e essas predições já existem e quem faz tais predições já vê o futuro como presente junto de si. O autor das *Confissões* toma o “exemplo da aurora.”³⁰⁸ Quando se anuncia o próximo nascer do sol, o que vemos é presente, o que anunciamos é futuro e não da maneira que pensamos que seja, mas o seu nascer que ainda não é. É apenas um dever ser, ou seja, está para acontecer.

Desse modo, se não tivéssemos uma imagem mental deste próprio nascer, como no instante em que falamos, ser-nos-ia impossível predizê-lo. Esta aurora que percebemos no céu, para Agostinho, não é o nascer do sol, embora o precedendo; não sendo também a imagem que trazemos no nosso espírito: somente ambas estão presentes, as vemos e assim podemos dizer antecipadamente o que vai se passar. Em

³⁰⁷ Conforme o tradutor das *Confissões* em nota na página 325, o tempo, para ser estudado na sua metafísica, não se deve dividir no “antes” e no “depois”, mas considerar-se na sua síntese de continuidade.

³⁰⁸ AGOSTINHO, *Confissões* XI. 18, 24. p. 326

seguida o Santo Filósofo pede a Deus Soberano que declare como ensina às almas, tais acontecimentos futuros se não há futuro e o que não existe não pode ser ensinado e Finaliza dizendo que este mistério está muito acima de sua inteligência.

O tempo como distensão da alma

Embora seja impróprio dizer que os tempos são: passado, presente e futuro, talvez seja próprio dizer que existe o presente das coisas passadas, presente das presentes e presente das futuras. Estes três tempos existem na nossa mente e é a *“lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras”*.³⁰⁹ Agostinho não critica o uso dos tempos passado, presente e futuro, contanto que se entenda o que queremos dizer por que poucas são as coisas que conseguimos exprimir com terminologia exata.

Quanto ao que se diz respeito da medição do tempo, Agostinho afirma que não medimos o que não existe e não medimos o tempo presente porque este não tem duração. Podemos medir o que se passa e quando já estiver passado. É questionado de onde se origina o tempo e por onde se passa quando o medimos.

Mas de onde se origina ele? Por onde e para onde passa, quando se mede? De onde se origina ele senão do futuro? Por onde caminha, senão pelo presente? Para onde se dirige, senão para o passado? Portanto, nasce naquilo que ainda não existe, atravessando aquilo que carece de dimensão, para ir para aquilo que já não existe.³¹⁰

Quanto à duração do tempo, se é breve, longo, podemos entender tal significação. É como se as inteligências comungassem e se comunicassem por meio desse conceito de tempo divisível, pois sem sua divisão, ser-nos-ia impossível pensá-lo como existente.

O próprio Agostinho ouviu dizer que o tempo é o movimento do sol, da lua e dos astros, mas não concordou com esta afirmação, pois caso estes parassem e continuasse a mover objetos aqui na terra, será que deixaria de haver tempo para medirmos os seus movimentos? Não há dúvida que existam luzeiros e estrelas que servem de referência no

³⁰⁹ AGOSTINHO. *Confissões*. XI. 20, 26. p. 328.

³¹⁰ AGOSTINHO. *Confissões*. XI. 21, 27. p. 328.

céu: indicam as estações, as horas e os anos. Porém, nosso autor deseja saber a força e a natureza do tempo com qual medimos o movimento dos corpos. Entendemos que o dia é associado ao “*movimento que o sol faz sobre a terra*”.³¹¹ O desejo é de saber se o movimento constitui o dia, ou se é a duração em que se realiza esse movimento, ou se são conjuntamente essas duas coisas.

Que ninguém diga, portanto, que o tempo seja o movimento dos corpos celestes. Quando o sol parou, com a oração de Josué, intercedendo a Deus, a fim de que o combate seja concluído com vitória, o sol parou, mas o tempo não, pois, este espaço de tempo foi o suficiente para executar e colocar fim ao combate.³¹² O autor vê, portanto, que o tempo é certa distensão, ou seja, uma dilatação. Agostinho de fato, tem a pretensão de distinguir o tempo astronômico do tempo metafísico e do tempo psicológico. O tempo psicológico é a impressão do *antes* e *depois* aos quais gravam as coisas no espírito. Aqui ele se refere ao tempo astronômico.³¹³

. Nosso filósofo africano afirma, portanto, que o tempo não é o movimento dos corpos. Diz que quando um corpo se move é com o tempo que medimos a duração desse movimento. Podemos medir tanto o tempo de um corpo em movimento quanto o podemos medi-lo estando parado. Em suma, “o tempo não é o movimento dos corpos.” *Non ergo tempus corporis motus.* (Conf. XI. 24, 15). Em seguida, nosso autor invoca a Deus todo poderoso com toda a humildade declarando-O que mede os tempos, mas não sabe o que verdadeiramente mede. Sabe, porém, que mede os movimentos dos corpos com o tempo, mas ainda não sabe como se mede o tempo. Será que é pela relação de um tempo mais breve com outro mais longo? Afirma que pela duração de uma sílaba breve,

³¹¹ Santo Agostinho ainda vivia no contexto em que se acreditava que o sol girava em torno da terra: teoria geocêntrica fundamentada na Escritura Sagrada. Cf. Js. 10, 12. s. Atualmente se sabe que esta teoria já foi ultrapassada e deu lugar a teoria heliocêntrica.

³¹² Neste contexto, séc. IV e V a.C. prevalecia a teoria geocêntrica, cuja concepção era a de que o planeta terra era o centro do universo. A partir do séc. XVI o astrônomo e matemático polonês Nicolau Copérnico desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar.

³¹³ Segundo Aristóteles (384/383 – 322 a.C.), o fato do tempo está relacionado ao movimento é consequência do fato de não percebermos o tempo senão pelo movimento. A característica do movimento, no entanto, é a continuidade. Porém, no contínuo, distinguimos o “antes” e o “depois”. Dessa forma, tal distinção é, portanto, a percepção do número do movimento que pressupõe necessariamente a alma. Mediante este argumento, percebemos que seria impossível a existência do tempo sem a existência da alma ou do intelecto no sentido aristotélico. Segundo G. Reale, (REALE, G. e ANTISSEI, D. *História da filosofia*. p. 195.) este pensamento de Aristóteles é um pensamento fortemente antecipador dessa perspectiva agostiniana e de suas concepções espiritualistas de tempo.

avalia-se a sílaba mais longa. Por exemplo, podemos comparar as sílabas de um verso de um poema, mas será que podemos medir a duração de um poema pelo seu número de versos? Nem assim podemos alcançar a medida certa para o tempo, diz Agostinho, porque pode acontecer que um verso que seja menos extenso ressoe por um maior espaço de tempo, dependendo de sua pronúncia.³¹⁴

Suponhamos que uma voz comece a ressoar e antes dela ecoar, era futura e não podia ser medida porque ainda não existia, e no instante em que se calou não podemos também medi-la, pois já não existe. Mesmo no momento em que essa voz é ecoada, não há estabilidade, mas não será essa instabilidade o que a torna possível de medir? O presente não tem “extensão”, com efeito, não é possível medi-lo através deste, mas conforme sua extensão no passado.

Medimos os tempos, mas não os que ainda não existem ou passaram, nem os que não têm duração alguma, nem os que não têm limites. Notamos a sua duração pelo testemunho dos sentidos. Mas só meço a sílaba longa, comparando com a breve, e para que eu meça, é preciso que esta tenha terminado, e uma vez terminada, passou. Se já terminou, as consigo medir porque alguma coisa referente às sílabas permanece gravada na memória.

Nosso autor africano indaga “o porquê da consumação do futuro e como cresce o passado se ambos não existem”³¹⁵. Diz que só pode ser por três motivos que essas coisas se deparam no espírito onde se realiza: a expectativa (espera), a atenção (intuição) e a memória. A primeira refere-se ao futuro, a segunda ao presente e a terceira ao passado. Aquilo que o espírito espera passa através do domínio da memória

Contudo, a atenção perdura, e através dela continua a retirar-se o que era presente. Portanto, o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: *o futuro longo é apenas a longa expectativa do futuro*. Nem é

³¹⁴ Cf. Nota do tradutor na página 334, das *Confissões*, no conceito de tempo existem dois elementos: um transitório (sucessão) e o outro permanente (duração). Segundo os tradutores, J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, o tempo psicológico não é mais do que a percepção dessa sucessão contínua no âmbito da consciência com o aspecto de localização e de anterioridade.

³¹⁵ “Mas como diminui ou se consome o futuro, se ainda não existe? Ou como cresce o pretérito, que já não existe, a não ser pelo motivo de três coisas se nos deparam no espírito onde isto se realiza: Expectação, atenção e memória? Aquilo que o espírito espera passa através do domínio da atenção para o domínio da memória”. (*Conf.* XI. 28, 37).

longo o tempo passado porque não existe, mas o *pretérito longo* outra coisa não é senão *a longa lembrança de passado*.³¹⁶

Agostinho diz que à medida que vai citando um hino, antes de começar, a espera estende-se a todo o hino. Mas ao começar ocorre uma extensão da memória a todo o hino, colhendo, com efeito, tudo o que passa de espera para o passado. Este ato se divide, portanto, em memória, por causa do que há de ser recitado. A intuição ou atenção está presente e por ela passa o que era futuro para se tornar passado. A intuição ou atenção, portanto, na sua função de síntese, liga o passado ao futuro.

O exemplo do hino se estende a tantos outros exemplos, principalmente aos homens, cujas partes são os seus atos. O santo doutor pontua a história dos homens em particular a cada uma das vidas individuais que é apenas uma parte desse contínuo vir a ser. E diz a Deus onipotente que se preocupará apenas com as coisas presentes, pois as passadas e as futuras são apenas transitórias. Aqui é manifestada a intolerância de Agostinho para com os homens que querem saber mais do que a capacidade que tem e de perguntarem “o que Deus fazia antes de criar tudo o que existe, o céu e a terra.” *Quid faciebat Deus, antequam facere caelum et terram?* (*Conf.* XI. 30, 40).

E como veio à mente a ideia de fazer algo, já que antes nunca fizera nada? Explica que o advérbio *nunca* não se emprega quando não existe o tempo e que o tempo fora criado no ato da criação.

Ser, tempo e razão no pensamento agostiniano

Nas *Confissões*, Agostinho debate a questão do tempo e procura apresentar a sua ciência e nesciência e entre as duas, a sua ignorância perante a questão sem deixar escapar a sua memória, ou seja, o tempo em que ele trabalha em equívocos e enganos a respeito do próprio tempo. De fato, as *Confissões* é uma espécie de “*Proslogium*”, um “*logium*”³¹⁷ dirigido a Deus. Ele é puramente Ser, não é antes e nem depois, nem

³¹⁶ AGOSTINHO. *Confissões*. XI. 28, 37. p. 337

³¹⁷ *Tempo e razão*. Op. Cit. 2002., p. 15.

simultaneamente segundo o tempo, nem concomitantemente conforme o tempo.³¹⁸ Para o doutor africano, o presente não pode ser pensado como uma partícula co-eterna no sentido de ser da mesma eternidade segundo a qual Deus é eterno.

Ademais, o que aparentemente possa se apresentar como uma aporia em relação à concepção de tempo agostiniana, de fato, é a tentativa de liberar a razão de quaisquer amarras, pois sabendo que a razão estando solta, é que ela poderá encontrar o seu limite naquele Ser que é ilimitado, Deus. Existe uma impropriedade em nossa linguagem que nos torna incapazes de expressarmos tudo com as devidas propriedades. Por exemplo, podemos manifestar a impropriedade de nossa linguagem no presente, pois, um já foi e outro ainda será, nem um nem outro “é”. Séculos, anos, dias, horas, minutos, segundos não podem, rigorosamente ser ditos longos, pois não o são, por definição, isto é, em seu Ser.

No fundo, a impressão que Agostinho vai causando é que só a razão é capaz de perceber o tempo por ela própria, isto é, por aquilo que ela tem de participante do **ser divino**: ao mesmo tempo, entretanto, está ela sujeita ao tempo e transcende ao tempo. [...]. Em princípio, a resposta seria: onde são presentes. Se me é impossível ainda ter a ciência de onde está o tempo, algo, entretanto, eu já posso saber, de algo eu posso ter ciência; onde quer que seja, aí não são eles nem futuros nem pretéritos, mas sempre presentes.³¹⁹

Agostinho era antes de tudo um seguidor das ideias de Plotino, um servo do Ser e de sua verdade. As coisas que são ditas ou faladas como sendo a verdade, são possíveis através da memória, por mediação sensível da mente humana. O futuro só pode ser predito enquanto uma imagem contida na memória. Referindo-se ao Ser, só o é, como ação e em certo presente, por tudo o que foi dito e restrito ao instante. Há uma dificuldade em falar do tempo em sua metafísica e ontologia, a linguagem em que empregamos para falar dele e o modo segundo o qual e pelo qual o tempo é tempo. O santo doutor fala do tempo não como algo que se acrescenta à essência de um ente, que

³¹⁸ Tu não precedes os tempos pelo tempo, pois nesse caso não precederias por seres em um tempo. Mas precedes todos os passados pela celsitude da sempre presente eternidade e superas todos os futuros, porque tais são futuros e quando vierem a ser serão passados e contudo és o mesmo. [*Conf.* XI. 13, 16. Apud. *Tempo e razão*. 1600 anos das *Confissões* de Agostinho. Op. Cit. 2002., p. 17].

³¹⁹ *Tempo e razão*. Op. Cit. 2002., p. 21.(Grifo nosso)

se acrescenta ao ser de algo, mas a perfeição deste nele próprio. Uma perfeição que lhe cabe por sua forma própria, mas não que seja acrescentada.

O tempo, considerado em si mesmo não é medido nem como passado, nem como presente, nem como futuro, quando o medimos é, pois na alma que medimos. A alma é, portanto, o lugar cósmico do tempo.³²⁰ Ela é, segundo Agostinho uma “*distentio*” da alma, isto é, o tempo não deixa de ser algo em si, no sentido de determinado e distinto. O tempo se perfaz na alma quando medimos, mas é algo dado na interação pela interação com o mundo. Nesta perspectiva, se afirma que assim como o tempo, o ser humano também é ser em Deus.

Eis como se afirma a unidade do Universo no homem, unidade à qual é necessário o tempo mediante o qual mesmo o que é exterior torna-se interior, é no homem, tem seu ser na alma. [...] O tempo denota a limitação, com que o ser é participado pela criatura na sua inconsistência, no seu caráter fugidio, a marca dessa mesma criatura por oposição a Deus que é ele próprio o *Ser* em si, e por si e para si.³²¹

Aqui percebemos a importância que é dada por Agostinho ao homem no âmbito do ontológico, este que participa do seu ser em Deus. Nas *Confissões* é perceptível o lugar central que é dado ao homem, na perspectiva de uma transcendência deste homem para Deus, momento lógico em que se transcende a oposição entre o objetivo e o subjetivo. De fato, a objetividade do mundo se revela no complexo de atos dos quais são mediados sensivelmente pelo homem ao medir o tempo pela alma. Através disto, é desvelada para o homem como a marca de ser própria do mundo e sua marca comum com este e que compartilha acompanhando de dons, que para Agostinho, é graça de transcender alcançando o que é sempre presente, o Deus eterno, ou seja, aquilo que permanece sempre o mesmo em seu Ser.

O caráter ontológico do tempo.

Agostinho mostra, portanto, que o tempo não pode medir a eternidade e que esta não se deixa compreender a partir da compreensão imediata do tempo, de base sucessiva

³²⁰ Ibid., p. 26.

³²¹ Ibid., p. 27

e linear, ao contrário do que pensavam os filósofos gregos como Platão e Aristóteles: que tinham uma concepção cíclica do tempo. Segundo Shuback (2000), a eternidade é que constitui o fundamento *ontológico* do tempo.³²² Ademais, o senso comum está preso à representação sucessiva e linear do tempo. Por este motivo, o Santo filósofo clama a Deus por um espírito jovial para que possa compreender os mistérios que perfaz o tempo.

O tempo se dá concretamente numa sucessão de *antes e depois*, mas é preciso prestar atenção para um fato: que o sentido do tempo sucessivo de passado, presente e futuro não se dão a entender, devido a ideia de sucessividade. Como vimos, durante a apresentação deste trabalho, costuma-se dizer que Agostinho fez uma interpretação psicológica do tempo. É preciso fundamentar melhor essa questão para que não corramos o perigo de simplificá-la ou para não cairmos na arbitrariedade. Sabendo-se que o Santo doutor tenta fundamentar o tempo na eternidade, atentemos para se perceber um estatuto *ontológico* do mesmo, considerando-o como indivisível. Tudo isto para fundamentar a finitude do ser humano, a interminável vida de Deus, desde a criação eterna.

“O presente em que pulsa a eternidade é o prolongamento simultâneo de todo o passado e todo o futuro, sendo o ritmo de uma presentificação, de um devir à presença. O presente eterno de deus, pelo qual se pode dizer que “deus é o que é”, mostra-se, na religiosidade cristã, como uma dinâmica de presentificação, como um devir e, assim impregnado de futuro. O sentido de presente como ritmo da eternidade é, em última instância, uma simultaneidade: a simultaneidade de passado, presente e futuro.”³²³

Destarte, os anos de Deus não são como os nossos anos, mas seus dias são um perpétuo hoje, isto é, eterno. Agostinho, porém observa o caráter fugidivo do tempo, a passagem do “*ser*” ao “*não-ser*” do tempo como fora mencionado. Como diz o doutor africano: “O presente para ser tempo tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que o tempo é se a causa do seu ser é a mesma pela qual ele

³²² SHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais; ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.2000 p. 91.

³²³ SHUBACK. Op. Cit. 2000., p. 92.

deixará de ser?”³²⁴ De fato, como podemos dizer que o tempo só existe quando tende ao não ser? A indagação básica é, pois, a saber, qual o *ser* do tempo quando este, por sua vez, tende ao não ser. Isto é o tempo tal como o percebemos pelos sentidos quanto a sua medição, passa a não mais existir.

Outra indagação é sobre a possibilidade de medir o tempo em sua sucessão de “*antes*” e “*depois*” enquanto que possibilidade intrínseca ao tempo. O que Agostinho quer dizer é que não existe medição intrínseca ao tempo, quando o medimos e dizemos ser breve ou longo o fazemos relativamente a partir das coisas existentes no tempo. O caráter ontológico do tempo se dá de fato, quando se mostra a incapacidade de medir a transitoriedade do tempo, não se podendo medir o que não existe.

Nas *Confissões*, percebemos que o fenômeno do tempo está diretamente ligado com a apreensão pela alma. A esta colocação do tempo enquanto apreensão da alma é que se costuma interpretar a concepção de tempo agostiniana, por interpretação “psicológica” do tempo. Agostinho, no entanto, situa o tempo na capacidade compreensiva do ser humano e não em sua subjetividade. Ele entende a capacidade que o ser humano tem de acolher a Deus e o sentido da criação.

Considerações finais

A tese central deste trabalho, parte da base introdutória, a respeito da com a criação do tempo a todas as criaturas. Agostinho enfatiza, dessa forma, que o tempo tal como o percebemos pela alma, é parte objetiva da realidade do próprio mundo. Para o filósofo, o tempo é uma realidade objetiva devido à base criacionista da qual ele parte. Portanto, isso é algo novo, atual se o considerarmos do ponto de vista grego de um tempo cíclico. Segundo a concepção agostiniana, o tempo é criatura, sendo fundamental seu aspecto linear, cuja ideia já era deduzida pelas sagradas letras.

Há muitas outras questões vinculadas ao problema da época e de todas demais a respeito da eternidade do mundo. Essa, portanto, é a questão básica que os Maniqueus

³²⁴ AGOSTINHO, *Confissões*. XI. 14. p. 278 – 279.

levantam por conta do caráter criacional do tempo, sendo o tempo afetado pela própria “caducidade”, isto é, pela *transitoriedade* que afeta o universo e todas as criaturas existentes. O caráter de *ser e não-ser* do tempo está muito bem desenvolvido por Agostinho. Por causa do fluir do tempo, ocorre uma inevitável mudança, uma alteração que atinge todas as criaturas, atingindo também o próprio tempo que também terá um fim por conta exatamente de seu aspecto criacional.

Esse caminho proposto por Agostinho, inevitavelmente apresenta aproximações pertinentes e estimulantes entre as colocações modernas, como a questão do *ser* e do *não-ser* que, em última instância, também é a questão da “caducidade”. Aqui, procurou-se também, identificar nas *Confissões*, e nas obras mencionadas a análise que Agostinho e os demais filósofos citados como Parmênides, Platão, Plotino e Aristóteles, etc querem abordar sobre o tempo, e tentam descobrir a correlação que existe com o aspecto *ontológico* do mesmo; isto é, em sua perspectiva objetiva. O tempo visto como algo independente da memória e até mesmo, anterior a ela, isto significa seu aspecto objetivo que é desenvolvido por Agostinho ao longo de sua dissertação.

Para isto, procurou-se demonstrar, de acordo com as obras de Agostinho, as modalidades do tempo referentes ao passado, presente e futuro; colocados pelo Santo doutor como consequência de sua experiência espiritual com Deus nas *Confissões*. Sendo o tempo uma *distenção* da própria alma, Agostinho não vê esse tipo de tempo em lugar nenhum. Tal concepção está ligada, porventura, ao chamado *status ôntico*, que passa por estas três modalidades: *passado, presente e futuro*. Tal relação, fundamenta-se quando Agostinho afirma ser o tempo uma categoria criacional, e, portanto, tendo o seu estatuto de uma espécie de *ser* existente de forma independente da consciência ou da mente humana.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural. 2000.

_____. *A Cidade de Deus*. (Contra os Pagãos), parte II; Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Trad. de Oscar Paes Leme. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990 (Coleção: Pensamento Humano).

_____. *A Trindade*. Trad. Original do latim e introdução de Agostinho Belmonte. Revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção: Patrística).

_____. *A Genesis Contra os Maniqueus*. (De Genesi contra maniqueos). Trad. e introdução de Balbino Martín Pérez. 2ª. Bilíngüe. Madrid.: BAC, 1969, Vol. XV.

ARISTÓTELES. *Física I e II. Prefácio, tradução, introdução e comentários*: Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009.

AA. VV. Dirigido por Allan D. Fitzgerald. *San Agustín através del tiempo. Dicionário de San Agustín*, editorial Monte Carmelo, Burgos:España, 2001.

AA. VV. *Tempo e razão*. 1600 anos das *Confissões* de Agostinho. Edições Loyola: São Paulo, 2002

ADAMS, Fred; LAUGHLIN, Greg. *Uma biografia do Universo: Do big bang à desintegração final*. Trad. Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2001.

BRAGUE, Remi, *O tempo em Platão e Aristóteles*. Ed, Loyola, 1982.

BOEHNER, P. e GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Trad. de Raimundo Vier. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

CAVALCANTE SHUBACK, Márcia Sá. *Para ler os medievais; ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GALLEGO, Antônio D. *Plotino: La odisea del alma entre la eternidad y el tiempo*. Barcelona, Batiscafo, 2016

HAWKING, Stephen. *O Universo numa Casca de Noz*. (The universe in a nutshell). Trad. Ivo Koytowsli. São Paulo: Mandarim, 2001, p. 35

HAMLYN, D. W. *Uma história da filosofia Ocidental*. Trad. De Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 1990

PLATÃO. *Timeu*. Tradução de Maria José Figueredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003

PLOTINO. *Enéadas* (III- IV). Trad. Jesús Igal. Madrid: Gredos,. 1985 (Biblioteca Clássica Gredos, 88).

_____. *A Alma, a Beleza e a Contemplação*. Trad. de Ivan Barbosa Rigolin e Consuelo Colinvaux. São Paulo: Associação Palas Athena, 1981.

POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997

REY PUENTE, Fernando. *Ensaio sobre o tempo na Filosofia Antiga*. São Paulo: Annablume, 2010.

REVISTA SÍNTESE NOVA FASE. Cultura e Filosofia. *In: O tempo e a história*. V. 20 Nº 63. Revista Trimestral da faculdade de filosofia da Companhia de Jesus. Centro de Estudos Superiores. SJ (BH). 1993.

SCHLESINGER, Hugo. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SCHIOCHETT, Daniel; *O tempo na terceira Enéada de Plotino*, PERI, v. 01, n. 01, 2009. p. 11-20.

VLASTOS. Gregory. *O Universo de Platão*. Tradução de Maria Luiza Monteiro Salles Coroa. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias*. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1993. (Coleção Ciência e Cultura).